

6999-1



URUGUAI: POLÍGONO GEOPOLÍTICO DO CONE SUL

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

Procurando estabelecer na América Portuguesa pontos de apoio que lhe garantisse a rota do Cabo da Boa Esperança, Pero Lopes de Souza tomava posse, em 1530, para o Reino de Portugal, do estuário do Prata sem contudo deixá-lo povoado.

Sabendo do fato, o Governo espanhol determinou que Pedro de Mendoza fundasse, em 1536, na região Platina, a cidade de Buenos Aires. Esse primeiro núcleo geohistórico da Argentina foi, no entanto, destruído pelos constantes ataques dos índios querandins; daí haver a região ficado despovoada até 1580, quando Juan de Garay fundava pela segunda vez a cidade de Buenos Aires.

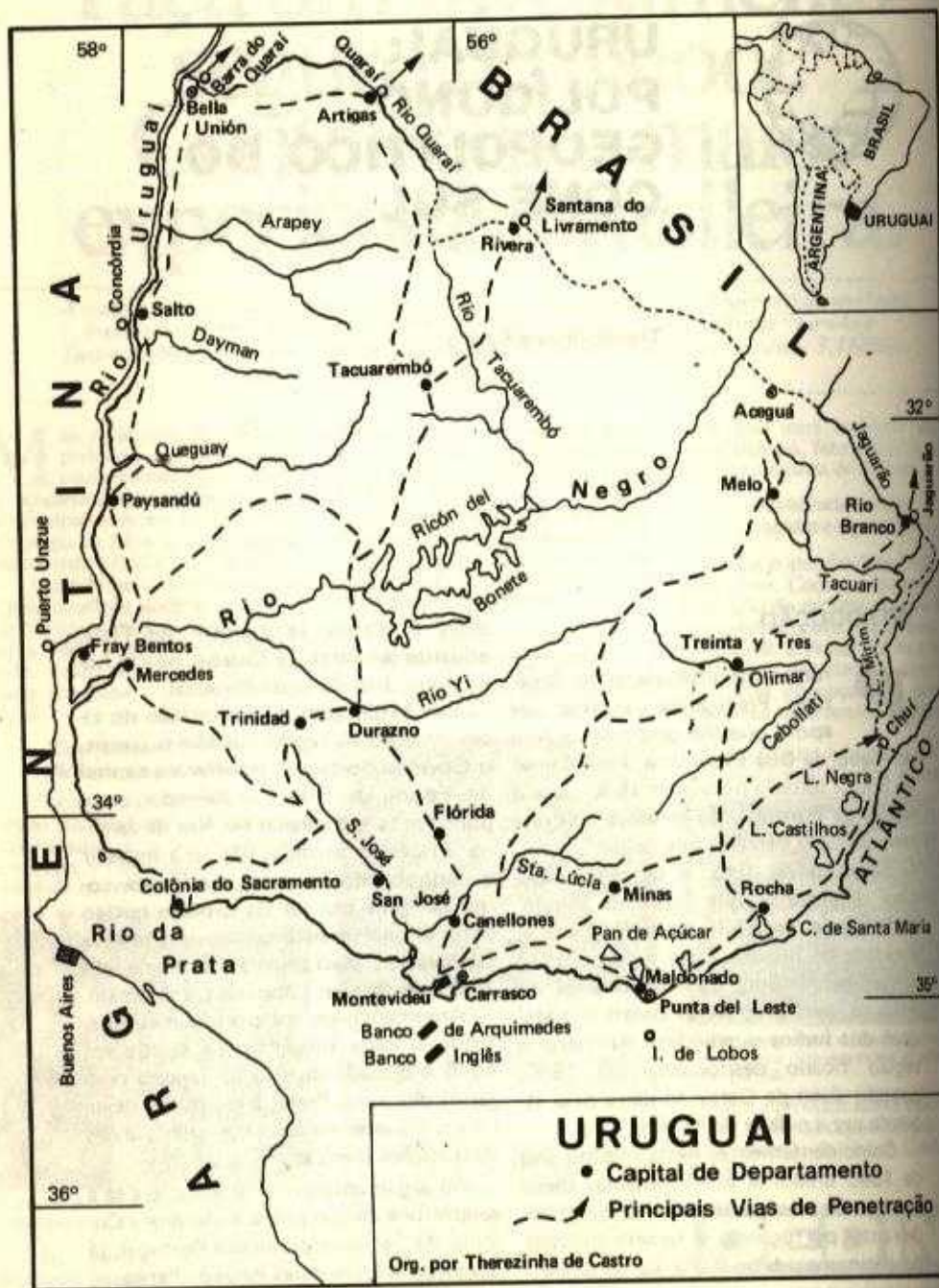
Coincidentemente, neste mesmo ano de 1580 uniam-se as monarquias Ibéricas e o Rei Felipe II permitia que bandeirantes portugueses se fossem apossando das nascentes do Prata, numa diretriz

entre S. Paulo, às margens do Tietê, afluente do Paraná e Cuiabá, no rio homônimo, tributário do Paraguai.

Em 1763, com a implantação do ciclo do ouro na região das Minas Gerais, o Governo português transferia a capital do Estado do Brasil de Salvador, para ponto mais estratégico no Rio de Janeiro. Visava tal medida, não só a impedir o contrabando do ouro das Gerais, como também, por ser na época o núcleo populacional mais próximo, proteger a Colônia do Sacramento, fundada em 1680 por Manuel Lobo, na foz do Prata.

Argumentavam os portugueses que, tendo o Papa Inocêncio IX criado em 1676 o bispado do Rio de Janeiro com jurisdição até o Prata, a foz do rio deveria permanecer na esfera geopolítica das duas nações Ibéricas.

Ao argumento jurídico associava-se a geopolítica da conquista, visto que a Colônia do Sacramento levava Portugal, já detentor das nascentes Paraná-Paraguai,



a participar também da foz. Dentro do enfoque geoestratégico essa cidade do Prata formava justamente o vértice de um vasto triângulo que envolvia toda a bacia, com base numa linha traçada entre S. Paulo e Cuiabá.

Era de se esperar, pois, que a Colônia do Sacramento viesse a se transformar numa zona de atrito luso-espanhola. Fortaleza portuguesa que ia aos poucos, ao lado do aparato militar, se transformando em cidade. E para impedir o desenvolvimento desse núcleo geohistórico, nascia, em ponto mais avançado do Prata, um Forte que daria origem a Montevideú, estrategicamente idealizado por Bruno Maurício de Zaballa em 1726. Era, pois, o dualismo geopolítico presidindo a criação do futuro país que seria o Uruguai.

Para melhor defender a região Platina dos vivos interesses portugueses, o Governo espanhol criava em 1776 o Vice-Reino do Prata; e a nova unidade incluía o território hoje pertencente ao Uruguai. Nele, a Colônia do Sacramento, ilhada e atacada, passava logo depois para o domínio espanhol com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso (1777).

Cessavam as gestões Rio—Buenos Aires, que na época da independência iriam renascer no conflito Montevideú—Buenos Aires. E nesse conflito intervém outra vez o Governo do Rio de Janeiro para anexar a Banda Oriental do Uruguai como Província Cisplatina. E do novo conflito Montevideú—Rio—Buenos Aires surgiria o Uruguai como nação independente no âmbito das relações internacionais.

Na realidade o Uruguai subsistiria mais como zona de transição, quase que vazio no interior pelas disputas que enfrentava na periferia. Vivera, em seu dualismo geopolítico, praticamente num

vazio entre os Pampas Úmidos da Argentina e as planícies onduladas da Campanha do Brasil. Esse sistema de coexistência contribuiria para que se implantasse no Uruguai "uma tradição histórica de autonomia, caracterizadamente gaúcha, avessa a interferências estrangeiras", contribuindo ainda para "um nacionalismo decorrente da inicial rivalidade hispano-lusa que interesses britânicos amparavam para não cair, nem sob o domínio do Império nem sob o das Províncias Unidas". (Delgado de Carvalho — "Vida Econômica e Social do Uruguai" — Atlas de Relações Internacionais do IBGE nº 16.)

Em função de seu dualismo, nascia o Uruguai como autêntico "Estado Tampão", que na definição de Lord Posonby nada mais era do que um algodão que se colocava entre dois cristais.

DUALISMO DE TRANSIÇÃO

Uruguai, em guaraní, significa rio dos pássaros para uns e rio das voltas ou dos caracóis para outros. E o país que leva esse nome, ente 30° e 35° de latitude sul, é o único do continente sul-americano que não possui nem mesmo a mínima parcela de seu território dentro da zona tropical. Climaticamente pertencente à zona temperada apresenta-se com uniformidade caracteristicamente única no âmbito continental.

É o menor país da América do Sul (117.508 km²), localizado entre os dois maiores — o Brasil e a Argentina. Embora todas as repúblicas centro-americanas tenham área inferior à do Uruguai, sua proporção é marcante na América do Sul, sobretudo levando-se em conta ser, entre seus vizinhos, 45 vezes menor que o Brasil e ter 15 vezes menos que o território argentino.

Seu perímetro é de 1.848 km, dos quais 1.075 correspondem à linha marítimo-fluvial, e apenas 773 km à terrestres, esta última toda com o Brasil. Enquanto a fronteira com a Argentina se limita apenas ao rio Uruguai, a parte que se defronta com o Brasil é bem mais variada; do rio Quaraí e depois por uma linha artificial se alcança o rio Jaguarão, a lagoa Mirim e finalmente o Chufí.

A vizinhança Brasil-Uruguai forma a nossa fronteira-linha mais caracterizada, visto que a cada cidade uruguia corresponde uma brasileira.

Terra de transição entre o Planalto Brasileiro e os Pampas Argentinos, a despeito de sua altitude média ser de 200 metros, apresenta vasta superfície ondulada, com variada orientação, onde se sobressaem as coxilhas (cuchillas), colinas que se sucedem ininterruptamente, servindo de divisória entre as bacias hidrográficas tributárias do rio Uruguai, da lagoa Mirim e do Prata.

Dos grandes eixos orográficos formados pelas Coxilhas de Haedo e Grande, divididas pelo vale do rio Negro, se destaca o Pan de Açúcar ou serra de Ánimas com 510 metros, que se constitui no ponto mais alto do Uruguai; visível em dias claros e uma distância de 35 milhas, serve como ponto de referência aos navegantes.

O sistema hidrográfico parêlho pelas planícies tem no rio Uruguai e seu afluente, o Negro, os mais importantes eixos desse país altamente irrigado.

O rio Uruguai, que só pertence ao país homônimo em sua margem esquerda, tem uma largura de 600 a 700 metros, transformando-se num braço de 10 km a partir de Fray Bentos até a foz, onde já se denomina rio da Prata; seu curso é de 1.700 km, sendo navegável regularmente até Paysandú. Já o rio Ne-

gro (750 km) corta o território uruguiaio em duas partes, descrevendo numerosos meandros regionalmente chamados "rincones". Principal rio interior do Uruguai, abrangendo uma bacia de 800.000 km², da qual fazem parte o Tacuarembó e o Yi, o seu caudal de 600 m³, atingindo por ocasião das cheias de 3.000 a 6.000 m³, foi aproveitado pela represa de Ricón del Boneto; 80 km abaixo desta, encontra-se a Ricón de Baigorria, bem mais modesta. A terceira hidroelétrica sobre o Negro é a de Paso del Palmar entre os Departamentos do Rio Negro e de Soriano, a 300 km de Montevidéu, planejada para entrar em operação em 1982. Observa-se, assim, que o país, além de Salto Grande na fronteira fluvial com a Argentina, tem muito ainda que usufruir de seu tesouro energético.

Bem mais modestos são os cursos d'água que vão para a lagoa Mirim, como o Tacuari e o Cebollati, além dos tributários do rio da Prata — o Santa Lúcia e o San José.

Território fartamente irrigado, com relativa uniformidade pluviométrica e suavidade orográfica, a fitogeografia do Uruguai é caracterizada pelas pradarias, e desta formação herbácea, que apresenta cerca de 500 espécies já registradas, depende, em grande parte, a economia do país, com vital atividade na pecuária.

Os pastos naturais e artificiais, que começam na Argentina e terminam no sul do Brasil, cobrem 75% do solo uruguiaio, predominando o gado bovino no norte, prevalecendo a criação de ovinos nas regiões sulinas. O rebanho concorre com cerca de 60% das exportações, principalmente de carne, lã, sapatos e produtos alimentícios, tendo no Brasil e na Argentina os principais mercados.

As regiões mais intensamente cultivadas (trigo, milho e arroz) ficam nas costas meridionais, onde se concentram os principais núcleos urbanos.

Embora o Uruguai não apresente praticamente estágios de transição entre o campo e a cidade, nota-se que o interior do país é bem menos povoado. Com uma população avaliada em 2.860.000 habitantes (1978), sendo 90% de origem européia, como na Argentina, notadamente espanhola e italiana, conta o Uruguai com uma urbanização de 83%. Muito embora seja, depois do Equador (27,5 hab./km²), a nação de maior densidade demográfica (24,3 hab./km²), mais da metade da população se aglomera no litoral flúvio-oceânico.

Refletindo o fenômeno argentino de concentração na capital, Montevideú possui mais da terça parte dos habitantes, seguindo-lhe as cidades de Salto e Paysandú.

A fisiografia suave e uniforme, sem oferecer grandes obstáculos para rede ferro-rodoviária, dotou o Uruguai, neste setor, de uma das mais densas redes do continente sul-americano. Quase que refletindo o mapa demográfico do país, as principais vias de penetração se desenvolveram no sentido sul-norte, buscando em vários pontos a fronteira do Brasil; e esses pontos, em alternância com os vazios do centro, buscando os núcleos urbanos da zona flúvio-oceânica.

Refletindo o fenômeno de Buenos Aires, impôs-se o traçado da rede ferroviária no sentido radial, partindo de Montevideú, núcleo de predominância não apenas geoeconômica, como também geohistórica, geopolítica e geoestratégica. Por sua posição privilegiada na entrada do Prata, Montevideú teve significação para o movimento de conquista espanhola na implantação

de uma cultura uruguaia, no nascimento do nacionalismo, sustentando hoje, como porto, a primazia no intercâmbio internacional do país.

Descrita por Jorge Chebataroff: "Montevideú se encontra ligada à baía do mesmo nome e cresceu sempre com muita rapidez, incorporando muitos subúrbios que em outras épocas estiveram bem distanciados. Nos últimos tempos, o crescimento da área ocupada diminuiu, sendo porém compensado pelo crescimento em altura, aparecendo grande número de edifícios de vários andares, que mudaram completamente o aspecto primitivo da cidade". (Geografia Universal — América e Regiões Polares — Tomo IV — Instituto Gallach — pág. 444.)

Montevideú domina geoestrategicamente um litoral que o Cabo de Santa Maria divide em Platino e Atlântico; muito embora Chebataroff afirme que não se pode precisar exatamente onde termina o litoral costeiro platino e onde começa o atlântico. Litoral de águas pouco profundas em função da plataforma continental, que polonga a zona costeira em pouco mais de 115 km. Assim, no bem mais extenso litoral platino surgem os bancos de Arquimedes e do Inglês; e ao largo de Punta del Leste vários escolhos dentre os quais se sobressai a ilha de Lobos, onde começam a se juntar as águas avermelhadas do Prata com as azuis do Atlântico. Nesse local a fama se liga ao grande número de naufrágios, bem como à caça intensiva de lobos marinhos dos quais se utiliza a pele para pequena indústria que se complementa com a do azeite e gorduras.

De Montevideú ao Chuí, na fronteira com o Brasil, o litoral uruguaio se transforma numa paisagem de lagunas, praias

com cassinos e balneários dentre os quais Punta del Leste já entrou para as agendas internacionais. Ainda nesse litoral, velhas fortalezas desativadas continuam, através do Brasil, lembrando os avanços e recuos de fronteira nessa zona de atritos entre portugueses e espanhóis. Zona de atrito que no século XIX imporia o Uruguai como "Estado-Tampão".

Do exposto concluímos em linhas gerais que:

— Geologicamente o solo uruguaio é um prolongamento do Planalto Brasileiro, que vai num declinar até a linha flúviô-marítima do país.

— A uniformidade é a característica marcante da estrutura do solo, ligeiramente ondulado, sem grandes elevações.

— Em função da disposição orográfica, com terrenos que inclinam suavemente para o sul, leste e oeste, o sistema hidrográfico forma as vertentes do Prata, da lagoa Mirim e do Uruguai. Sobressaindo-se, na ligeira depressão central, a bacia do rio Negro, quase que genuinamente uruguaia.

— Em sua gama de clima temperado, o país não apresenta calores excessivos nem frios intensos com quedas de neve.

— Bem regado pelas chuvas, pode-se dizer que não existem terrenos inúteis no Uruguai, pois mesmo os pântanos do Rocha são aproveitados pelo gado na maior parte do ano.

— Embora predominando a vegetação rasteira, a formação arbórea aparece como matas ciliares, ao longo dos rios e arroios.

Sob o ponto de vista étnico, os charruas, índios da região, estão praticamente extintos. Embora predominem grupos mediterrâneos oriundos de espanhóis e italianos, notam-se consideráveis núcleos

de brasileiros notadamente nas cidades lindeiras.

— A economia predominantemente pecuarista influi na atividade industrial das carnes em conserva e manufaturas têxteis de lã.

— Os rios uruguaio oferecem poucas possibilidades à navegação por serem cortados por afloramentos rochosos, experimentarem grandes variações de caudal, e por apresentarem muitos meandros. Em função desse determinismo geográfico, o Uruguai compensou com sua densa rede rodod-ferroviária. Demandando o Brasil, as rodovias apresentam caráter mais internacional; as ferrovias, com algumas linhas em conexão com a brasileira, tornam nula a utilização pela diferença de bitola.

— Do ponto de vista geohistórico, o Uruguai foi a região que mais tardiamente experimentou a influência colonizadora, muito embora tenha sido, desde o século XVI, cobiçada pelos portugueses e espanhóis, transformando-se, dentro do enfoque geopolítico, numa zona de atrito; influiu para tal no fato de ter sido o Uruguai o último país a se tornar independente na área (1828).

CONSIDERAÇÕES GEOPOLÍTICAS

No século XVI as passagens de expedições portuguesas pelo rio da Prata se ligavam aos interesses mercantilistas, à manutenção de pontos de apoio para a preciosa rota do Cabo. No entanto, em pleno período da expansão territorial do Estado do Brasil (século XVII), promovido pelas Bandeiras, o plano do Governo português já era o delimitar geopoliticamente seus domínios americanos por três fronteiras naturais: o Amazonas ao norte, o rio Paraguai a oeste e o Prata ao sul. Daí haverem surgido os

três pontos de apoio em Belém, Cuiabá e na Colônia do Sacramento.

O desinteresse espanhol pela inóspita área setentrional interiorizada da América do Sul coroou de êxito as conquistas portuguesas amarradas pelos bastiões avançados de Belém e Cuiabá. A atitude inversa dos espanhóis na área do Prata criaria uma zona de tensão na Colônia do Sacramento; refletia-se em outro espaço, outra época e personagens diferentes, as algaras em plena América do Sul nos avanços e recuos de terras-de-ninguém da Península Ibérica.

Desde sua fundação em 1680 a Colônia do Sacramento, ora espanhola, ora portuguesa, mantinha o interior do Uruguai despovoado e desnacionalizado, como terra-de-ninguém.

Só em 1715, quando o Tratado de Utrecht devolveu a Colônia do Sacramento a Portugal, procurou o Governo de D. João V dar-lhe um cunho nacional. Procurou reconstruir a Colônia do Sacramento, mandando vir, para povoar a região, 60 famílias imigradas de Trás-os-Montes, que deram aos uruguaios de hoje sobrenomes bem portugueses como Araújo, Morais, Mesquita etc.

Dai a implantação de Montevidéu (1726), que, como praça-forte espanhola teve por finalidade geoestratégica impedir a expansão dos portugueses, sitiando-os na pequena faixa de terra na margem norte do Prata. Por outro lado, a fundação de Montevidéu teve a conotação geopolítica de transformar-se na célula-mater da expansão espanhola por um hinterland até então despresado. Assim, de Montevidéu, que se transformaria no núcleo geohistórico do Uruguai, viria a ser ocupado quase todo o território que integra hoje o país.

Para impedir que o núcleo de Montevidéu abrangesse área maior, o Governo português ocupou e povoou a Colônia do Rio Grande de S. Pedro (atual Estado do Rio Grande do Sul) a partir de 1737. Levantou então uma linha de fortes do Jacuí (Jesus-Maria-José) ao Camacua (Santa Tecla), até o Chuí (S. Miguel), enquanto os espanhóis se reforçavam no litoral atlântico do atual Uruguai com suas praças-fortes.

Conclui-se, assim, que do ponto de vista geopolítico, a criação da Colônia do Sacramento, visando ao domínio do estuário, bem como a assegurar as comunicações fáceis de nossas áreas avassaladas comandadas por Cuiabá, e, sobretudo, a dar certo vigor ao "uti possidetis", desencadeou todo um processo secular de lutas no Uruguai, apressando o povoamento do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, nesta área geograficamente integrada, o confronto luso-espanhol daria origem aos territórios geopoliticamente desintegrados do Uruguai de um lado e do Rio Grande do Sul do outro.

E, no confronto geoestratégico, se os portugueses ficaram ilhados na Colônia do Sacramento, mantinham os espanhóis isolados na região dos Sete Povos de Missões. Foi justamente para solucionar os problemas desses núcleos geopolíticos isolados, com tendência a continuarem como zonas de fricção, que o Tratado de Madrid (1750) foi assinado; cedendo a Colônia do Sacramento, recebiam os portugueses a área dos Sete Povos de Missões, contígua à Colônia do Rio Grande de S. Pedro.

Mas, essa região de confronto entre portugueses e espanhóis não teria ainda a paz definitiva; as marchas e contramarchas seriam objeto dos Tratados de El Pardo (1761) e Santo Ildefonso

(1777). Este último marcando a vitória da diplomacia espanhola, que ficava com as duas áreas contestadas, num envolvimento maior na área do rio Uruguai.

Em 1810, libertando-se da metrópole, procurou Buenos Aires anexar a Banda Oriental alegando direitos geohistóricos do Vice-Reino do Prata.

Geoestrategicamente esta anexação não interessava ao Governo português, que dentro da política westfaliana não admitia a formação de um grande país ao sul do Brasil, dominando todo o estuário do Prata. Assim, pretextando defender os direitos de Fernando VII, seu cunhado e hóspede-prisioneiro de Bayonne, D. João invade a Banda Oriental afastando-a do movimento separatista de Buenos Aires (1817).

Anexado ao Brasil sob o nome de Província Cisplatina, a nossa união com o Uruguai era constituída apenas por laços federativos, já que a região conservava as suas leis, bem como a língua e moeda espanholas.

Como zona de fricção, a contenda passaria, já em 1825, para os Governos independentes do Brasil e Argentina, nesse secular campo de disputa do Uruguai. Assim, com a assinatura da Convenção de 27 de agosto de 1828, surgia a República Oriental do Uruguai, de cuja independência as Altas Partes Contratantes (Argentina e Brasil) ficavam como fiadoras.

Com a criação desse "Estado-Tampão" perdia o Brasil a sua posição na foz do Prata, enquanto a Argentina se debilitava em sua soberania total de direito geohistórico.

Mesmo afastado do Prata, o Brasil não se manteria alheio a essa bacia, cujos rios formadores lhe pertenciam, e que se constituía, na época, no princi-

pal eixo de ligação com a nossa Província interiorizada de Mato Grosso, mantida geopoliticamente como região avassalada. Daí o envolvimento do Império do Brasil contra Rosas e Solano Lopes.

A partir de 1870 o Brasil não apelaria mais para as armas a fim de resolver suas contendas no Prata; caberia à nossa diplomacia a resolução das questões.

O ambiente de coexistência afastaria do Prata, foco de três séculos de lutas, as idéias de domínio da bacia. Concluindo-se, então, que as lutas militares nesta área obedeceram às seguintes tendências geopolíticas:

- a do domínio da bacia hidrográfica e, através dela,
- a saída da posse exclusiva para o mar.

Dentro do enfoque geoestratégico essas lutas militares indicam que:

- o Uruguai foi a zona irradiante dos atritos;
- o Rio Grande do Sul foi a zona da cobiça.

Conclui-se ainda que as intervenções do Brasil no Prata foram sempre no sentido de — antecipando-se às ações de forças antagonicas — preservar a soberania brasileira no sul de seu território.

Do exposto conclui-se, também em linhas gerais, que:

- Meio-brasileiro e meio-platino, dentro do aspecto fisiopolítico, o Uruguai se mantém dentro da esfera de atração dos dois maiores países sul-americanos. Em seu aspecto demográfico o Uruguai é um país povoado na periferia que se volta para a Argentina e Brasil, dentro da independência que o seu posicionamento na foz do Prata e a sua fachada atlântica lhe concedem.

— Dentro do enfoque psicossocial as fronteiras-linha unem muito mais o Uruguai ao Brasil do que à Argentina.

É que o rio Uruguai separa, naturalmente, os territórios uruguaio e argentino, desde o interior até a foz. Laços familiares e históricos unem as populações ribeirinhas; cerca de 100 mil pessoas vivem nessa zona de aproximadamente 80.000 km², envolvendo Federación, Concepción del Uruguay, Concordia, Colón, Gualaguaychy, Gualaguay e Pureto Unzue do lado argentino, e Salto, Paysandú e Fray Bentos no lado uruguaio. Assim, uma única ponte, Fray Bentos-Puerto, aproxima essa área que, além do obstáculo formado pelo rio Uruguai, conta com a atração maior das forças geopolíticas centrípetas representadas por Buenos Aires e Montevideú. No estuário do Prata situam-se Buenos Aires e Montevideú quase que como dois mundos à parte, apesar da distância mínima que os separa.

Já do lado brasileiro, aos bem mais modestos cursos d'água do Quaraí, Jaguarão, o grande centro de atração converge para a fronteira artificial Rivera-Santana do Livramento.

— Dentro do seu unitarismo geopolítico, o Uruguai é induzido naturalmente a uma estreita convivência com o Brasil e a Argentina. Isto porque toda a presença geohistórica do Uruguai gira em torno de um arco que converge para Montevideú: de um lado Colônia-Paysandú, contornando a Argentina; do outro Maldonado-Treinta y Tres convergindo para o Brasil.

Desse arco Colônia-Paysandú e Maldonado-Treinta y Tres se caracterizam como cidades que precederam em importância econômico-cultural a própria Montevideú, a capital militar do país.

— Por outro lado é válido assinalar-se a trajetória do rio Negro como "uma espécie de fronteira interna separató-

ria entre as zonas de gravitação setentrional brasileira e meridional argentina, muito embora, na realidade, as regiões situadas no leste do curso do rio devam também ser compreendidas, dentro deste esquema, como parte da área de influência atlântica do Brasil". (Dr. Hector L. Giuliano — Puerto en el Frente Marítimo del Este" — GEOSUR n.º 17 — Janeiro de 1981 — pág. 40.)

Observa-se, pois, a predominância da influência brasileira, que a geografia vem facilitar, envolvendo-se no Uruguai num autêntico movimento de pinça.

— As fronteiras políticas que hoje separam esses três países do Cone Sul pouco ou quase nada têm a ver com as divisões naturais da região. Constituem-se, na realidade, em fator de uma História acidentada, e não da Geografia nela traçada.

— Assim, sujeito a dupla atração, o Uruguai, que guarda fisionomia bem mais análoga com as coxilhas brasileiras do que com os pampas propriamente ditos da Argentina, foi palco de expansões militares por se constituir numa região de comunicação aberta.

Eis aí, pois, a doutrina de Ratzel — "o rio em territórios planos e em países meridionais é ponto de enlace e ao mesmo tempo força de atração entre os distintos povos ribeirinhos". E quando "as diferenças nacionais numa mesma bacia hidrográfica se formam no sentido horizontal", os territórios localizados no curso inferior, como é o caso específico do Uruguai, se tornam mais independentes, "visto que o rio lhes assegura uma vida própria". ("La Terra e la Vita" — Tomo II — págs. 161 e 169.)

— País harmônico e de população homogênea, o Uruguai vive em função da "equação histórica", representada pelo

porto, pradaria e fronteira. Nessas condições, "o Uruguai deixa de ser uma cunha isolante para aparecer cada vez mais como a charneira* que articula e coordena sobre o perfil do Atlântico o destino comum das terras americanas do Cone Sul". (Prof. Washington Reys Abadie — "Uruguai — Puerta Atlântica del Cono Sur" — Introdução — GEO-SUR nº 17 — Janeiro de 1981 — pág. 6.)

Nessas condições, embora com território relativamente pequeno, menor

que o do Território brasileiro, o Amapá (137.303 km²), o Uruguai, pela sua forma compacta, dada a razoável equidistância entre seus pontos extremos norte-sul e leste-oeste, aliada ao seu posicionamento no Prata, e com sua fachada marítima atlântica, se transformou num polígono geopolítico de suma importância para o Cone Sul.

* A melhor adaptação que encontramos para o termo espanhol "gozne".



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".